



24° ENANCIB
Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação
Perspectivas Contemporâneas na Ciência da Informação
• Vitória - ES • Ancib • PPGCI/UFES



XXIV ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO – XXIV ENANCIB

ISSN 2177-3688

GT 12 – Informação, Estudos Étnico-Raciais, Gênero e Diversidades

A PRESENÇA DE MULHERES DOCENTES NO ENSINO DE BIBLIOTECONOMIA NO BRASIL E MOÇAMBIQUE

THE PRESENCE OF WOMEN TEACHERS IN LIBRARY SCIENCE EDUCATION IN BRAZIL AND MOZAMBIQUE

Claudia Barbosa dos Santos Souza – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) Campus de Marília

Joana André Machuza Matenga – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) Campus de Marília

Tamara de Souza Brandão Guaraldo – Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (Unesp) Campus de Marília

Modalidade: Trabalho Completo

Resumo: Esta pesquisa tem por objetivo principal analisar a presença da mulher docente no ensino de Biblioteconomia do Brasil e Moçambique, com vistas a identificar a situação atual em duas universidades lusófonas. Trata-se de uma pesquisa quali-quantitativa, de caráter descritivo, que objetiva descrever os perfis das mulheres docentes. Considerada também como estudo de caso múltiplo, buscando melhor entendimento do fenômeno estudado a partir da coleta em duas universidades. Foi utilizada a entrevista e a pesquisa documental. Os dados da pesquisa indicam presença de mulheres docentes na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro em cerca de 61% e na Escola Superior de Jornalismo em 37%. Finaliza propondo reflexão sobre a necessária presença de mulheres em pesquisa para demarcar sua presença e atuação na ciência e no ensino de Biblioteconomia nestes países.

Palavras-chave: diversidade; protagonismo feminino; Biblioteconomia Brasil; Biblioteconomia Moçambique; ensino.

Abstract: The main objective of this research is to analyze the presence of women teachers in library science education in Brazil and Mozambique, with a view to identifying the current situation in two Portuguese-speaking universities. It is a qualitative-quantitative, descriptive study that aims to describe the profiles of women teachers. It is also considered to be a multiple case study, seeking a better understanding of the phenomenon studied by collecting data from two universities. Interviews and documentary research were used. The research data shows that 61% of the teaching staff at the Federal University of the State of Rio de Janeiro is female and 37% at the School of Journalism. It concludes by

proposing a reflection on the necessary presence of women in research in order to demarcate their presence and performance in science and library science teaching in these countries.

Keywords: diversity; female protagonist; Librarianship Brazil; Librarianship Mozambique; teaching.

1 INTRODUÇÃO

Historicamente em nossa sociedade, as mulheres sempre foram silenciadas, postas à margem da sociedade e colocadas sob a sombra dos homens, corroborada por uma estrutura social baseada no patriarcado. A luta por visibilidade, por efetividade de atuação das mulheres, requer ações, resistência e respeito ao protagonismo destas também no âmbito da produção científica (Silva; Romeiro, 2018).

A profissão bibliotecária é considerada socialmente como feminina, não pelo status da capacidade intelectual de quem atua, mas pelas ações voltadas para o cuidado, zelo e para educar, justificada pela questão de gênero. Como apresentado por Ferreira, Borges e Borges (2010), profissões como pedagogia, enfermagem, nutrição, serviço social têm a presença marcante de mulheres, por isso é preciso refletir sobre tal situação.

Pesquisas voltadas para a diversidade nas organizações estão em voga, tendo em vista adequações às demandas econômicas, socioculturais e legais em alguns países. Sabendo-se que as instituições de ensino são organizações, promover a diversidade é buscar visibilidade e até ascensão das que historicamente foram invisibilizadas no mundo do trabalho.

A gestão para a diversidade, neste contexto, de mulheres para mulheres, requer estarmos atentas à história das instituições e atrelá-las ao panorama mundial, principalmente aos objetivos de desenvolvimento sustentável (ODS) das Organização das Nações Unidas (ONU), que visam ao alcance de sociedades com equidade de gênero até 2030. Neste plano global, ações para o alcance da equidade de gênero e o empoderamento de mulheres e meninas estão arroladas na ODS-5 e, para que isso aconteça, é preciso assegurar a educação inclusiva, equitativa e de qualidade, buscando promover oportunidades de aprendizagem ao longo da vida para todos, o que está presente na ODS-4 Educação de Qualidade.

A partir deste cenário, busca-se responder à seguinte questão: Numa profissão historicamente considerada majoritariamente feminina, qual o cenário da mulher docente na biblioteconomia, hoje, a partir do contexto de Brasil e Moçambique?

Tendo consciência que os teóricos de uma determinada área são aqueles que promovem padrões e alicerçam discursos, esta pesquisa tem como objetivo analisar a

presença de mulheres no ensino de Biblioteconomia em Moçambique e no Brasil na atualidade, a partir de um estudo de caso de duas instituições de ensino, uma em cada país.

Busca-se especificamente:

- Descrever o perfil e o quantitativo docente;
- Avaliar comparativamente o perfil dos docentes de Moçambique e do Brasil.

A partir de uma pesquisa comparativa da realidade biblioteconômica entre Moçambique e Brasil, se propõe uma reflexão sobre a presença da mulher no ensino desta profissão, cujo objetivo é a organização, gestão e disponibilização de informação para a sociedade.

2 DIVERSIDADE NAS ORGANIZAÇÕES

A diversidade pode ser definida como “um misto de pessoas com identidades grupais diferentes dentro do mesmo sistema social, a heterogeneidade de culturas, crenças, metodologias, idade, tempo de serviço, orientação sexual, modo de pensar e agir, vícios e criatividade em solucionar problemas” (Cardoso *et al.*, 2007, p. 4).

Na visão de Cardoso *et al.* (2020), a diversidade inclui um conjunto variado na multiplicidade, qualidade daquilo que é diverso, diferente. São muitas características que configuram as diversidades de um indivíduo, entre elas as diferenças culturais, as tradições, costumes, religião, política, modelo de organização familiar, linguagem, orientação sexual, cor da pele e etnia.

No meio organizacional, a diversidade surge a partir de muitas lutas entre o trabalho masculino e feminino, que traz a diversidade de gênero dentro das organizações, em meados dos anos de 1990. Com o avanço da globalização, ocorrem mudanças significativas em relação à cultura, à comunicação e às organizações (Barros; Castello, 2021) no seu todo, transportando a diversidade de uma forma abrangente que envolve a cultura, aspectos étnicos, raça, ideologia política, idade, religião, orientação sexual etc.

No entanto, por conta de uma visão tecnicista, as organizações adotam um padrão de homogeneidade no seu cotidiano e lidam com seus profissionais de forma indiferenciada, como se suas diferenças pudessem desaparecer sob a formalidade das posições hierárquicas. De certa forma, as organizações assumem que os indivíduos separam suas características e

interesses pessoais dos profissionais, submetendo aqueles a esses no ambiente organizacional (Saraiva; Irigaray, 2009). Porém, no século XXI as organizações são chamadas a adotar estratégias de gestão que incluam a diversidade, pois não se pode ignorar o fato dessa existir, e quando bem gerida, pode se constituir em um elemento de troca de experiência e aprendizagem mútua entre os profissionais. “A diversidade entre as pessoas, é um insumo que, se explorado de maneira correta, leva a resultados surpreendentes de criação e de solução de problemas” (Cardoso *et al.* 2007, p. 10).

Na visão de Benedito *et al.* (2022), as práticas da diversidade evidenciam a resolução de problemas por meio de diferentes formas de pensamento, bem como, um cenário calcado na luz de diversos talentos, proporciona inovação e criatividade, perpassando o aprendizado contínuo através das experiências, habilidades, vivências e trocas de informações entre os diferentes grupos pertencentes à organização. Trata-se, basicamente, de uma variedade de perspectivas de compreender, ver e acompanhar as modificações da sociedade contemporânea.

Para Souza *et al.* (2020), existem duas óticas pelas quais as organizações veem a diversidade: a vantagem competitiva e a responsabilidade social, sendo as duas de caráter benéfico para as empresas. A comunicação institucional globalizada está cada vez mais preocupada com a imagem que passa para a sociedade e busca parecer mais politicamente correta e consciente, seja com ações ambientais ou sociais.

“Ao se falar em diversidade na organização, acaba-se por passar uma impressão de que a empresa está ‘abrindo espaço’ para um grupo que se enquadra no conceito de ‘minorias’” (Santos; Santana; Arruda, 2018, p. 9). Sendo assim, é possível observar que em uma organização, muitas vezes, o discurso da diversidade é apenas para passar uma boa impressão aos seus intervenientes. Assim, em muitas organizações os extensos manuais, as cartas publicadas em sites oficiais, os tópicos sobre a diversidade em seus valores organizacionais, não passam apenas de um discurso, divergindo do cotidiano da organização (Santos; Santana; Arruda, 2018, p. 9). Ademais, há também uma compreensão estreita de que a diversidade se trata apenas de pessoas com algum tipo de deficiência física ou mental, quando essa se refere a algo mais amplo, principalmente quando há grupos diversos em uma organização e existem formas inovadoras e diferentes para encarar as diferenças e enriquecer a harmonia da organização (Souza *et al.* 2020).

Nesse sentido, é preciso que a discussão sobre a diversidade perpassasse os documentos oficiais das organizações e seja aplicado de forma prática e efetiva. A partir das “práticas” que promovam conhecimento e reflexões sobre a diversidade no contexto empresarial, podemos diminuir o racismo, a homofobia e outras mazelas sociais, fazendo das organizações também um palco de transformações (Santos; Santana; Arruda, 2018, p. 5).

2.1 Biblioteconomia: uma profissão feminina?

Pesquisas sobre diversidade direcionadas ao estudo de gênero na Biblioteconomia continuam sendo desafiadoras, por vários motivos, dentre eles, um certo consenso de que a profissão é considerada essencialmente feminina.

Em 1984, Miriam Botassi, em seu artigo intitulado “Bibliotecária (o): A profissão no feminino e o mercado”, publicado pela Associação de Bibliotecários do Distrito Federal (ABDF), já apresentava um certo questionamento das características arbitradas às profissões a serem exercidas por mulheres. Atividades voltadas para o serviço, para o cuidado de outrem, geralmente muito ligadas à saúde, à educação ou à assistência social seriam prioritariamente femininas. Dentre elas, também foi relacionada a Biblioteconomia.

Em 2003, a pesquisadora Maria Mary Ferreira, em sua pesquisa intitulada “O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero”, ressalta a necessidade de estudos relacionados às questões de gênero, focando as profissões consideradas essencialmente como “femininas”, com intuito de redimensionar o papel da bibliotecária, pois o estudo sobre “gênero passa a ser também uma categoria analítica do pensamento científico, que traz novas abordagens e redimensiona os estudos sobre a mulher” (Ferreira, 2003, p. 192).

Em 2010, Ferreira, Borges & Borges, em pesquisa intitulada “Mercado de trabalho e a desigualdade de gênero na profissão da (o) bibliotecária (o)”, ressaltam que “as características atribuídas às mulheres e aos homens são decorrentes dos processos de normalização dos comportamentos, devido à força das estruturas socioculturais que as produzem”. Tal afirmativa corrobora para enxergarmos que os modelos estabelecidos são patriarcais, em que os homens são referências e padrão, por isso dificultam o reconhecimento das mulheres como sujeitos sociais (Ferreira, Borges; Borges, 2010, p. 159).

Numa perspectiva comparativa entre Brasil e Portugal, Ferreira (2019, p. 301, p. 303) ressalta que a profissão bibliotecária surgiu como consequência da criação de bibliotecas e da necessidade de organização e sistematização do conhecimento, além da democratização do acesso ao livro, à leitura e à informação.

A questão de gênero fica demarcada socialmente como forma de diminuição e até mesmo apagamento da mulher, quando a todo momento o trabalho é dimensionado a partir de delimitação de papéis entre masculino e feminino, segregando as mulheres ao mundo privado, com cuidados com a casa e filhos, assumindo lugares inferiorizados, subalternizados e até invisíveis (Ferreira, 2019, p. 307).

Muller e Martins (2019), a partir da pesquisa intitulada “Uma profissão feminina, mas não feminista? ” Representatividade de gênero na gestão dos Conselhos Regionais de Biblioteconomia no Brasil”, nos conduzem à reflexão sobre a atuação política das mulheres na Biblioteconomia por meio da representatividade nos órgãos de classe.

Os autores apresentam, estatisticamente, que a presença masculina domina a representação política da Biblioteconomia e busca relacionar esta inquietação com as questões de gênero ultimamente pautadas na sociedade. Ratificam que o debate sobre o feminismo é feito sob tensão, pois a sociedade é direcionada a entender a orientação a partir da perspectiva de um sistema patriarcal, endossando um machismo estrutural que influencia as relações sociais (Muller; Martins, 2019. p. 65).

Em 2019, Gabriela Conceição e Jade Pinheiro, por meio do artigo intitulado “A invisibilidade feminina na Biblioteconomia e ciência da informação”, apresentam um panorama histórico do apagamento feminino no contexto social e principalmente na Biblioteconomia e ciência da informação, não somente no Brasil.

A partir da ótica dos direitos trabalhistas, as autoras apresentam os tipos de preconceitos sofridos pela mulher: o da inferioridade ao trabalho masculino; e o biológico, pelas diferenças físicas, principalmente com a maternidade. Somado a estes argumentos recorrentes, ressaltam um “novo” preconceito, o do âmbito acadêmico. Neste ambiente, as mulheres eram expostas a um contexto mais excludente, pois havia “a crença de que as mulheres não teriam capacidade cognitiva de raciocinar e, portanto, se qualificar academicamente” (Conceição; Pinheiro, 2019, p. 175).

Conceição e Pinheiro (2019) relatam casos de assédio a mulheres como um processo de invisibilização das contribuições científicas destas pesquisadoras, pois os assediadores são

homens expoentes na Biblioteconomia, inibindo denúncias. Atualmente, esses expoentes da Biblioteconomia têm sido “desmascarados” e denunciados pelo assédio, numa reparação histórica as pesquisadoras que tanto atuaram em prol do desenvolvimento da área.

A partir deste panorama, é possível nos depararmos com os questionamentos sobre o caráter feminino de uma profissão, que por ora, era considerada essencialmente feminina, mas que no decorrer do tempo, foi sendo apropriada por homens, a começar pela formação das primeiras instituições de ensino, por meio do seu corpo docente e possivelmente discente.

2.2 História dos cursos de Biblioteconomia em Moçambique e no Brasil

Para compreendermos a realidade sobre a presença de mulheres docentes de biblioteconomia em Moçambique e no Brasil, é preciso conhecer um pouco sobre a história da criação dos primeiros cursos de biblioteconomia destes países.

2.2.1 O curso de Biblioteconomia e Documentação em Moçambique

Até o período da independência, em 1975, Moçambique deparava-se com a falta de pessoal qualificado para a gestão da informação em unidades de informação, ocasionado pela inexistência de instituições de formação do quadro de pessoal nesta área. Segundo ANEP (2021), desde 1975 que as ações relativas à formação de profissionais para a área de documentação (bibliotecas, arquivos e centros de documentação e informação) não trouxeram, em Moçambique, o retorno esperado em termos de capacidade institucional e de desenvolvimento e normalização da profissão.

Devido à falta de recursos humanos e financeiros, a solução possível foi a organização de cursos de curta duração, ministrados por profissionais de Documentação da Biblioteca Nacional (BN), Centro de Documentação e Informação de Moçambique (CEDIMO), e Arquivo Histórico de Moçambique (AHM) (como uma unidade da Universidade Eduardo Mondlane – UEM), tendo este último desempenhado um papel importante na organização destes cursos, incluindo alguns ministérios (Amaral, 1999).

No início da década de 1990, pela crescente demanda de quadros superiores capazes de gerir de forma tecnicamente correta as coleções do AHM, o departamento de História da UEM criou o curso de História com a possibilidade de oferecer uma formação sistemática as

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

práticas de Documentação, com uma disciplina de introdução à documentação no terceiro ano do curso (Amaral, 1999).

Em 1998, o Fundo Bibliográfico de Língua Portuguesa (FBLP) criou através do Diploma Ministerial nº 130/2000, de 20 de setembro, o Instituto Médio de Ciências Documentais (CIDOC), cujo objetivo é capacitar técnico-profissionalmente, de forma sistemática e normalizada, os recursos humanos de nível médio para as áreas de bibliotecas, arquivos e centros de documentação e informação, no âmbito da administração pública ou privada do país (ANEP, 2021). “O Curso Médio de Ciências Documentais tem a duração de três anos, com uma carga horária de 3.240h, sendo bastante concentrado na área de Bibliotecas e Centro de Documentação, embora tenha um componente de Arquivística” (Lubisco; Alves, 2015, p. 39).

No entanto, a necessidade de quadros superiores ainda prevalecia, e em 2009, surge o Curso de Graduação em Ciência da Informação (CI) na UEM com habilitações profissionais para Biblioteconomia e Arquivística, fruto de um “Estudo de Viabilidade para a implantação do Curso de CI em Moçambique”, desenvolvido em parceria entre a Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) – Brasil e o FBLP, com o apoio do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPQ) do Brasil (Gonzales; Mangué, 2014).

Portanto, historicamente, só em 2010 é que surge o curso de Biblioteconomia e Documentação (BD) em Moçambique, ministrado pela Escola Superior de Jornalismo (ESJ) com objetivo de formar bibliotecários aptos para produzir e utilizar os conhecimentos técnicos-científicos na gestão da informação para suprir necessidades informacionais da sociedade moçambicana, tendo graduado pela primeira vez em 2015. Importa referir que o primeiro graduado neste curso em Moçambique foi uma mulher, e nesse caso uma das autoras da pesquisa (Joana André Machuza Matenga).

Aliado a isso, a UEM extingue o curso de Licenciatura em CI, introduzindo o curso de Biblioteconomia e de Arquivística em 2014.

Entretanto, a oferta do curso de BD pela ESJ, em 2010, foi uma alternativa viável, voltada para o futuro, no sentido de resgatar os serviços bibliotecários incipientes em Moçambique e, ao mesmo tempo, avançar as fronteiras para atuação competente na sociedade da informação. O curso centra-se na capacidade de formar bibliotecário com uma visão crítica, capaz de atuar como profissional da informação imbuído do compromisso com a gestão da informação e disseminação, consciente de seu papel social na eliminação de

barreiras de acesso à informação, seja de natureza política, tecnológica, econômica, educacional, social, cultural e recreativa (ESJ, 2016).

Atualmente, a ESJ conta com uma Delegação Acadêmica em Manica, criada em 2013, como forma de reduzir a distância para o elevado número de candidatos aos cursos fornecidos, provenientes das províncias do centro e norte do país.

2.2.2 O Ensino de Biblioteconomia no Brasil

A Biblioteca Nacional do Brasil (BN), inicialmente nomeada como Real Biblioteca (RB) em 1810, facultou primeiramente o acesso a pesquisadores e, em 1814, para a população em geral (Russo, 2010, p. 59; Schwarcz, 2002, p. 274).

Segundo a Bibliotecária e professora-pesquisadora Mariza Russo (2010, p. 59), as constantes mudanças de gestão da BN culminaram em melhorias para o acervo e para instalação física, bem como foram fundamentais para a contratação de mão-de-obra especializada, oportunizando a realização de concurso público para preenchimento de cargos, incluindo o de bibliotecário. Tal acontecimento é compreendido como o início da formação profissional em biblioteconomia no Brasil. Este processo sofreu influência dos modelos da *École Nationale des Chartes* de Paris, pois já tinham experiência na criação de escolas de formação de pessoal para bibliotecas.

Em 1910, foi inaugurado o novo prédio da BN, localizado na antiga Avenida Central, hoje conhecida como Avenida Rio Branco, centro do Rio de Janeiro. No ano seguinte, foi proposta a criação do primeiro curso de Biblioteconomia no Brasil e na América do Sul e o terceiro do mundo (Russo, 2010).

A bibliotecária, pesquisadora e professora Suzana Pinheiro Machado Mueller, em 1985, apresentou o artigo, intitulado “O ensino da Biblioteconomia no Brasil”, analisa a evolução do ensino da biblioteconomia no Brasil, a partir do primeiro curso, o criado na Biblioteca Nacional e aponta as principais influências que nortearam a criação e a consolidação do curso, com os principais cursos criados em diversas localidades no Brasil.

A bibliotecária e pesquisadora-professora Simone da Rocha Weitzel, por meio de sua pesquisa intitulada “Desenvolvimento de coleções no curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional (1915-1949)”, descreve que o corpo docente era formado exclusivamente por

homens que eram os chefes de todas as seções, considerados bibliotecários na época (Weitzel, 2010; Russo, 2010).

As influências das escolas Francesas e Norte Americanas propiciaram a distinção entre os cursos de Biblioteconomia localizados no Rio de Janeiro e São Paulo, a primeira sendo considerada como conservadora e a segunda mais moderna. Na década de 1944, após uma reestruturação do curso de Biblioteconomia da BN, foi encerrado o caráter humanista, conservador e enciclopedista do ensino promovido pela École de Chartes e adotadas orientações pragmáticas e tecnicistas oriundas da Universidade de Columbia (Weitzel, 2010, p. 130).

Com o passar do tempo, o curso de Biblioteconomia da BN foi incorporado à Federação das Escolas Isoladas da Guanabara (FEFIEG), por meio do Decreto-Lei nº 773 de 20 de agosto de 1969, reunindo instituições isoladas de ensino superior, vinculados ao Ministério do Trabalho, Comércio e Indústria; Saúde, Educação e Cultura. Foram integrados na FEFIEG: Escola Central de Nutrição, Escola de Enfermagem, Conservatório Nacional de Teatro, Instituto Villa-Lobos, Fundação Escola de Medicina e Cirurgia do Rio de Janeiro e o Curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional (Universidade [...], 2023).

Atualmente, o curso de Biblioteconomia da Unirio é dividido em Bacharelado (matutino e noturno) e Licenciatura (noturno). Destes, somente os cursos de bacharelado formam bibliotecários. O Bacharelado em Biblioteconomia tem por objetivo formar profissionais aptos a atuar como agentes engajados em processos socioculturais, educacionais e na democratização da informação, sendo capazes de contribuir para o progresso das pesquisas em ciência em tecnologia, com o desenvolvimento socioeconômico do país e ser suporte informacional das organizações no contexto global (Universidade [...], 2023).

3 METODOLOGIA

Esta pesquisa é de natureza qualitativa com apoio aos dados quantitativos, pois enquanto a pesquisa qualitativa busca analisar a presença da mulher docente nos cursos de Biblioteconomia na ESJ e UNIRIO, de forma específica, tendo em conta as suas características particulares, a quantitativa visa descrever o número percentual de mulheres docentes que atuam na área em função do número dos estudantes que ingressam nos cursos descritos, entre os anos 2018-2022.

Trata-se de uma pesquisa descritiva a respeito dos perfis das mulheres docentes dos cursos de BD. As pesquisas descritivas “têm como objetivo primordial a descrição das características de determinada população ou fenômeno ou o estabelecimento de relações entre variáveis” (Gil, 2008, p. 28). Nesta pesquisa, foi realizado um estudo de caso múltiplo na Escola Superior de Jornalismo (ESJ) e na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro (UNIRIO) com o objetivo de analisar comparativamente o protagonismo da mulher docente. Em estudo de caso múltiplo “os resultados empíricos podem ser considerados ainda mais fortes se dois ou mais casos sustentam a mesma teoria” (Yin, 2001, p. 54).

Para a recolha de dados, usou-se a entrevista e a pesquisa documental. A pesquisa foi dirigida aos representantes das direções científico-pedagógicas da ESJ e da UNIRIO para buscar dados relativos ao perfil dos docentes (Marconi; Lakatos, 2003, p. 195).

4 RESULTADOS

A coleta de dados a respeito da mulher docente no ensino de Biblioteconomia em Moçambique e no Brasil considerou, para análise, somente aqueles que compõem o quadro de docentes da ESJ e da UNIRIO. A primeira verificação do quantitativo docente por gênero gerou o resultado da tabela 1.

Tabela 1 – Total de docentes classificados por gênero

País	Mulheres	%	Homens	%	Total
Brasil (Unirio)	22	61	14	39	36
Moçambique (ESJ)	10	37	17	63	27

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A tabela 1 apresenta a classificação de gênero que contempla apenas homens e mulheres, não contemplando os demais gêneros, pois em Moçambique a questão ainda não é pautada como política pública de igualdade. A partir destas informações, pode-se concluir que percentualmente os cursos possuem como docentes mulheres, 61% do seu contingente para a Unirio, e para a ESJ apenas 37%, demonstrando um certo desequilíbrio, o que pode ocultar o protagonismo feminino.

Com intuito de demonstrar certa disparidade, apresentamos o perfil profissional classificado por gênero entre os países, como demonstrado na tabela 2 e 3.

**XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024**

Tabela 2 – Perfil da formação dos docentes do gênero feminino em 2023

País	Licenciadas	Bacharelas	Mestras	Doutoras	Pós Doc
Brasil (Unirio) ¹	05	17	22	19	06
Moçambique (ESJ)	04	00	06	00	00

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

Tabela 3 – Perfil da formação dos docentes do gênero masculino em 2023

País	Licenciados	Bachareis	Mestres	Doutores	Pós Doc
Brasil (Unirio)	00	14	14	11	06
Moçambique (ESJ)	07	00	05	05	00

Fonte: Dados da pesquisa (2023).

A partir dos dados coletados no portal institucional da Unirio e de entrevista com o gestor do departamento científico pedagógico da ESJ, constatou-se uma diferença expressiva no perfil formativo dos docentes. Tais diferenças podem ser consideradas sob perspectiva de uma possível maturidade dos cursos, pois o curso da Unirio é mais antigo se comparado ao da ESJ que é relativamente novo, podendo-se considerar que o seu quadro docente se encontra em ascensão. O nível de especialização das docentes pode ser entendido como forma de enfrentamento de um contexto social patriarcal.

Vale ressaltar que segundo o Governo de Moçambique (2018), o ensino superior realiza-se com docentes altamente qualificados, habilitados com o grau acadêmico de Doutor na área técnica ou artística a que se candidatam para lecionar. Porém, a realidade vivenciada na ESJ é visivelmente diferente, pois apenas 05 docentes é que possuem o nível exigido.

Um outro ponto a destacar, diz respeito ao fato de serem apenas Homens com esse nível de formação, o que demonstra um completo desnível, aliado ao fato de haver oportunidades desiguais de acesso à educação e recursos para todos (Governo de Moçambique, 2006). Portanto, uma das áreas estratégicas e prioritárias do Ministério de Ciência, Tecnologia e Inovação de Moçambique é a educação, a partir da criação de oportunidades de educação ao longo da vida, o que está diretamente ligada ao ODS-4 Educação inclusiva, equitativa e de qualidade.

¹ Dados coletados no site da Escola de biblioteconomia da Unirio.

Nessa perspectiva, tem se verificado nos últimos anos movimentos crescentes de acesso das mulheres ao ensino e em todos os setores da sociedade com vista a promoção da consciência de gênero ao nível das instituições do Estado e da sociedade em geral, e que possam conferir mais poder às mulheres.

Sobre a participação feminina como gestores dos cursos de Biblioteconomia, podemos destacar que, no Brasil, a criação do curso na Biblioteca Nacional teve a presença efetiva de homens, incluindo as primeiras turmas de discentes, o mesmo aconteceu em Moçambique. Atualmente, no curso de Biblioteconomia na Unirio, há mulheres atuando na direção da escola de Biblioteconomia e na coordenação do curso matutino, o mesmo não acontece no curso da ESJ, pois desde a sua criação o curso tem sido administrado por homens. Atualmente o curso de Biblioteconomia e Documentação em Moçambique conta com apenas um único cargo de direção, correspondente a direção do curso que está sob a gestão de um homem.

As questões relacionadas à diversidade na Biblioteconomia devem deixar de ser minimizadas, pois é uma área que influencia e é influenciada, a todo tempo, pelos estudos de gênero, refletindo em todos os processos nos quais a prática biblioteconômica se faz presente, desde a formação, o desenvolvimento de coleções, a gestão de pessoas e o perfil formativo de discentes e docentes, conseqüentemente em temas pautados em pesquisas (Lima, 2016; Muller; Martins, 2019).

Segundo Ferreira (2003), a dificuldade de abordagem desta temática no âmbito da Biblioteconomia e Ciência da Informação deverá ser superada em detrimento da revisão do seu ensino, na busca de uma práxis social, transformadora da realidade, onde é necessário refletir sobre o protagonismo da mulher.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos sobre diversidade no mundo do trabalho são recorrentes na atualidade, pois buscam atender principalmente demandas de políticas públicas que respondam aos ODS.

Neste contexto, ressaltar o protagonismo feminino na sociedade se faz necessário para a implementação da equidade de gênero, no entanto, há barreiras a serem transpostas, a começar por vivermos em uma sociedade pautada em padrões masculinos.

No ensino de Biblioteconomia, no Brasil e em Moçambique, a presença de mulheres é uma realidade devido ao quantitativo de docentes mulheres nestas instituições. Contudo,

mesmo sendo maioria, essa presença não corresponde à realidade quando se avança outros degraus acadêmicos ou de associações de classe, como em sindicatos e associações, em pró-reitorias e reitorias, nos quais os expoentes das universidades ou do mercado de trabalho, que proclamam teorias, práticas e modelos na área, são geralmente homens, mesmo numa profissão reconhecidamente feminina. Urge agirmos em prol de uma ciência biblioteconômica mais igualitária, em que o feminino (e demais gêneros aqui não contemplados) possam emergir e propagar suas pesquisas, suas práxis e ter visibilidade.

Muitos autores da Ciência da Informação e Biblioteconomia têm se debruçado a estudar sobre a diversidade, a busca de equidade de possibilidades e oportunidades. No entanto, vivemos sob a influência de uma sociedade pautada em padrões machistas, que reduz a presença profissional das mulheres às profissões cujas aptidões são direcionadas ao cuidado, ao zelo, à educação, e não necessariamente a suas potencialidades intelectuais.

A revisão de literatura, por meio dos principais autores, responde à questão de pesquisa, justificando que a profissão segue majoritariamente feminina, mas aponta a ascensão docente e de pesquisadores homens na formação bibliotecária que emerge a partir do contexto social e cultural, pautado em padrões impostos pelo patriarcado.

Já os resultados da pesquisa aplicada demonstram que no Brasil, na instituição de ensino estudada, o número de docentes mulheres e em cargos de gestão é superior ao encontrado em Moçambique, evidência de uma diferença histórica e cultural entre esses países, com o pioneirismo do Brasil na implantação de um curso superior de Biblioteconomia nas primeiras décadas do século XX, enquanto em Moçambique esse só se iniciou no século XXI.

A presença de mulheres docentes na Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro ficou em cerca de 61% e na Escola Superior de Jornalismo em 37%. Portanto, ambos apresentam desafios a enfrentar para maior equidade de gênero na gestão dos cursos de graduação em Biblioteconomia, pois é necessária a presença de mulheres em pesquisa para demarcar a sua presença na ciência de um modo geral, e no ensino de Biblioteconomia, em particular, nestes países.

REFERÊNCIAS

AMARAL, Wanda do. Educação e formação para uma gestão efetiva de bibliotecas: o caso de Moçambique. **Páginas A&B**, Porto, n. 3, p. 67-73, 1999. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/86325>. Acesso em: 6 jul. 2023.

AUTORIDADE NACIONAL DE EDUCAÇÃO PROFISSIONAL (Moçambique). **Certificado vocacional de nível III em Biblioteconomia**. Maputo: Anep, 2021. Disponível em: <http://www.anep.gov.mz/Portals/0/CV3%20em%20Biblioteconomia.pdf>. Acesso em: 6 jul. 2023.

BARROS, Waleska S.; CASTELO, Lise A. Diversidade nas organizações: percepção dos alunos do curso de administração de empresas de um centro universitário de fortaleza/CE como futuros gestores. *In*: ENCONTRO DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO PROFISSIONAIS EM ADMINISTRAÇÃO, 2021, São Paulo. **Anais [...]**. São Paulo: FEA/USP, 2021. Disponível em: <http://sistema.emprad.org.br/7/anais/arquivos/70.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2023.

BENEDITO, Beatriz O. *et al.* Perspectivas entre gestão do conhecimento e gestão da diversidade. **Inf. Inf.**, Londrina, v. 27, n. 1, p. 126-150, 2022. DOI: 10.5433/1981-8920.2022v27n1p126. Acesso em: 4 jul. 2023.

BOTASSI, Miriam. Bibliotecária (o): a profissão no feminino e o mercado. **Palavra-Chave**, São Paulo, v. 4, n. 5, p. 3-4, 1984. Disponível em: https://abecin.org.br/wp-content/uploads/2021/03/Palavra_Chave_4.pdf. Acesso em: 15 jul.2023.

CARDOSO, João A. S. *et al.* Gestão da diversidade: uma gestão necessária para estimular a inovação e aumentar a competitividade das empresas de contabilidade e auditoria. **Pensar Contábil**, Rio de Janeiro, v. 9, n. 36, p. 1-12, 2007. Disponível em: <http://www.atena.org.br/revista/ojs-2.2.3-06/index.php/pensarcontabil/article/view/128>. Acesso em: 4 jul. 2023.

CONCEIÇÃO, G; PINHEIRO, J. A invisibilidade feminina na Biblioteconomia e Ciência da Informação. *In*: SILVA, Franciele Carneiro Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima (org.). **O protagonismo da Mulher na arquivologia, biblioteconomia, museologia e ciência da informação**. Florianópolis (SC): Rocha Gráfica e Editora, 2019. p.175-183.

ESCOLA SUPERIOR DE JORNALISMO. **Projeto pedagógico**. Maputo: ESJ, 2016.

FERREIRA, Maria M. Bibliotecários e relações de gênero no Brasil e Portugal. **ConCI: Convergências em Ciência da Informação**, São Cristóvão, v. 2, n. 3, p. 298-322, set./dez.2019. Disponível em: <https://periodicos.ufs.br/conci/article/view/13713/10514>. Acesso em: 19 jul. 2023.

FERREIRA, Maria M. O profissional da informação no mundo do trabalho e as relações de gênero. **Transinformação**, Campinas, v. 15, n. 2, p. 1–14, 2003. Disponível em: <https://periodicos.puc-campinas.edu.br/transinfo/article/view/6399>. Acesso em: 19 jul. 2023.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

FERREIRA, Mary; BORGES, Elinielle P.; BORGES, Luis C. Mercado de trabalho e a desigualdade de gênero na profissão da(o) bibliotecária(o). **Biblionline**, João Pessoa, n. esp., 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/20.500.11959/brapci/100249>. Acesso em: 2 jul. 2023.

GIL, Antônio C. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6. ed. São Paulo: Atlas, 2008.

GONZÁLEZ, José A. M.; MANGUE, Manuel V. **Perfil profissional na área de Ciência da informação em Moçambique**. Maputo: UEM/ECA; Madrid: UC3M/DBD, 2014. 47p. Disponível em: https://e-archivo.uc3m.es/bitstream/handle/10016/37075/Perfi_moreiro_2014.pdf?sequence=1&isAllowed=y. Acesso em: 6 jul. 2023.

LIMA, Glaucio B. de. A Biblioteconomia na representação fílmica de gênero. **Folha de Rosto**, Cariri, v. 2, n. esp., p. 50-57, 13 dez. 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufca.edu.br/ojs/index.php/folhaderosto/article/view/149>. Acesso em: 19 jul.2023.

LUBISCO, Nídia M. L.; ALVES, Fernanda M. M. Oferta formativa em Ciências da Informação: estudo comparativo aplicado aos países lusófonos. **Ponto de Acesso**, Salvador, v. 9, n. 1, p. 21-51, 2015. Disponível em: <https://brapci.inf.br/index.php/res/download/79520>. Acesso em: 6 jul. 2023.

MARCONI, Marina de A.; LAKATOS, Eva M. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

MOÇAMBIQUE. Conselho de Ministros. Decreto nº 46/2018, de 1 de agosto. Aprova o Regulamento de Licenciamento e Funcionamento das Instituições do Ensino Superior e revoga o Decreto n.º 48/2010, de 11 de Novembro. **Boletim da República**, I Serie, Maputo, n. 150, p. 1781-1789, 1 ago. 2018.

MOÇAMBIQUE. Conselho de Ministros. **Estratégia de Ciência, Tecnologia e Inovação de Moçambique (ECTIM)**. Maputo: Conselho de Ministros, 2006.

MUELLER, Suzana P. M. O ensino de biblioteconomia no Brasil. **Ciência da Informação**, Brasília, v. 14, n. 1, 1985. DOI: 10.18225/ci.inf.v14i1.222. Disponível em: <https://revista.ibict.br/ciinf/article/view/222>. Acesso em: 16 jul. 2023.

MULLER, Luciana K.P.; MARTINS, Carlos W. S. Uma profissão feminina, mas não feminista? Representatividade de gênero na gestão dos conselhos regionais de Biblioteconomia no Brasil. **Revista brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, São Paulo, v. 15, p. 92–111, 2019. Disponível em: <https://rbbd.febab.org.br/rbbd/article/view/1363>. Acesso em: 18 jul. 2023.

OLINTO, Gilda A inclusão das mulheres nas carreiras de ciência e tecnologia no Brasil. **Inclusão Social**, Brasília, v. 5, n. 1, 2012. Disponível em: <https://revista.ibict.br/inclusao/article/view/1667>. Acesso em: 21 jul. 2023.

RUSSO, Mariza. **Fundamentos da Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers Serviços Editoriais, 2010.

XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação – XXIV ENANCIB
Vitória-ES – 04 a 08 de novembro de 2024

SANTOS, Jean V. M.; SANTANA, Aline C.; ARRUDA, Geyza D. Diversidade nas organizações: inclusão social ou estratégia competitiva? **Psicologia.pt: o portal dos psicólogos**, [Portugal?], p. 1-13, 2018. ISSN 1646-6977. Disponível em: <https://www.psicologia.pt/artigos/textos/A1170.pdf>. Acesso em: 4 jul. 2023.

SARAIVA, Luiz A. S.; IRIGARAY, Hélio A. R. Políticas de diversidade nas organizações: uma questão de discurso. **RAE**, São Paulo, v. 49, n. 3, p. 337-348, jul./set. 2009. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rae/a/W7hXd4grCxJX8PyTDJkDtWz/?format=pdf&lang=pt>. Acesso em: 4 jul. 2023.

SCHWARCZ, Lilia M. **A longa viagem da biblioteca dos reis: do terremoto de Lisboa à independência do Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

SILVA, Franciele G. da; ROMEIRO, Nathalia L. Apresentação. In: SILVA, Franciéle Garcês da; ROMEIRO, Nathália Lima (org.). **O protagonismo da MULHER na Biblioteconomia e Ciência da Informação**. Florianópolis: ACB, 2018. p. 13-14.

SOUZA, Ana C. S. *et al.* O valor da diversidade nas organizações: um mero discurso ou uma experiência efetiva. **Revista valore**, Volta Redonda, v. 5, p. 371–383, 2020. Caderno Temático de artigos do III CONEPA, Congresso Nacional de Estudantes e Profissionais de Administração. Disponível em: <https://revistavalore.emnuvens.com.br/valore/article/download/871/648>. Acesso em: 4 jul. 2023.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO ESTADO DO RIO DE JANEIRO. História. **UNIRIO**. Rio de Janeiro, 12 jul. 2017. Disponível em: <http://www.unirio.br/institucional-1/institucional/historia>. Acesso em: 21 jul. 2023.

WEITZEL, Simone R. Desenvolvimentos de coleções no curso de Biblioteconomia da Biblioteca Nacional (1915-1949). In: BIBLIOTECA NACIONAL (Brasil). **Anais da Biblioteca Nacional**. Rio de Janeiro: FBN, 2013. p. 111-220.

YIN, Robert K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. Trad. Daniel Grassi. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

AGRADECIMENTOS

Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES)